Atleta: Alessandra Ferezin Guidugli

Modalidade: Ginástica Rítmica

Kátia: Eu queria que você me contasse a tua história.

Alessandra: Você quer que eu conte a minha história desde quando eu comecei.

Kátia: Desde o dia, onde você começou, onde você nasceu.

Alessandra: Tá, eu sou aqui de Londrina, nasci em Londrina, é, nós somos em quatro irmãos e uma delas é a minha irmã Camila, nós começamos juntas as ginástica.

Kátia: Como é que vocês começaram, porque vocês começaram a ginástica?

Alessandra: A gente estudava em um colégio, o colégio Vicente Rijo aqui em Londrina, um colégio estadual e a gente, meu pai demorava pra vir buscar, então a gente ficava na frente esperando e tal e ai um certo dia, a gente escutou uma música e umas meninas pulando pra cá e pra lá no pátio e chamou a nossa atenção e a gente foi lá ver, e no que a gente foi ver, a gente se encantou ali na hora, a gente gostou, eu gostei muito, minha irmã também gostou muito e ai a gente pediu pra mãe, e um dia a gente falou assim, mãe tem umas meninas que ficam brincando lá depois e o pai demora tanto pra vir buscar, então será que a gente podia ficar junto e tal e ai a minha mãe foi ver o que era e era ginástica rítmica, era professora na época, ela chamava Regina de Oliveira.

Kátia: Quantos anos você, você tinham?

Alessandra: Eu, e a gente começou com 7, 8 anos, ela com 7 e eu com 8, a gente tem 1 ano de diferença certinho né, e foi com essa idade que a gente começou ali no pátio a pular pra lá e pra cá. A Regina com a gente um tempo, começou, a gente treinava, treinava, a gente brincava duas vezes na semana, ai começou três vezes na semana, ai começou a ficar legal, ela começou a desenvolver um trabalho legal ali com a gente, e ai a gente começou a pegar uma paixão, começou a gostar, é, ai logo a gente já conheceu as nossas amiguinhas ali, o time tal e se enturmou e ali começou, foi ali que realmente começou, foi com a Regina. Ai a gente começou fazer apresentações, ela começou a montar as coreografias, ai a gente apresentava no colégio mesmo e começou crescer e na época tinha apresentação, carnaval na leste-oeste lá também que é bem famoso aqui em Londrina, a gente começou apresentar lá com a banda do colégio mesmo, a gente ia na frente da banda, sabe a bandinha que tem, então a gente começou assim, vai na rua mesmo e apresentando e ai começou os campeonatos internos e a gente começou a se destacar e a gente começou a se sair bem e ai passou um pouquinho e a gente conseguiu algumas, eu com a minha irmã, tem a Daí também, são as três de Londrina, eu costumo falar assim, são as três meninas de Londrina, que é eu, a Camila e a Daiane começamos juntas, né e ai a gente, enfim, começou apresentar nos colégios particulares e assim foi, começou ganhar, ficar sempre em primeiro lugar, primeiro, primeiro, e ai foi que começou, até que a Barbara Alafrank, ela era uma ginasta da Elisabeth Alafrank, que é a mãe da ginástica no Brasil né, Elisabeth Alafrank foi que começou toda essa história brilhante ai né, da ginástica rítmica e ela, uma melhor eternamente apaixonada pela ginástica e a filha dela fazia, que era a Barbara Alafrank e a Barbara com 18 anos teve um problema no joelho enfim, parou de treinar e resolveu montar uma equipe e foi olhar, ‘olhometro’, foi olhar por ai, ai ela foi no colégio Vicente Rijo, o colégio onde a gente estudava e foi dar uma, foi o primeiro colégio que ela foi e foi olhar, lá ela se encantou com a gente e já convidou a gente pra ir treinar com ela e ela começou a dar treino e a gente foi, com o propósito está crescendo, visto que a gente começou, já começou a ver resultado, a Regina, é, tinha feito um bom trabalho e a Barbara com a experiência de vida, de atleta, ela já era campeã, ela era uma excelente ginasta, foi uma excelente ginasta também na época, ai com a mãe dela facilitaria o trabalho, de repente até pra se desenvolver mais rápido e a gente começou e ela assumiu a equipe, convocou as meninas, falou com os pais e fomos e começou, ai começou nossa carreira de verdade

Kátia: Isso vocês estavam com quantos anos, Alessandra?

Alessandra: Uns 10 anos mais ou menos, é, foi a Barbara e a gente começou com 9, 10 anos mesmo, sabe.

Kátia: Num esquema de treinamento?

Alessandra: Ai a gente começou a treinar de verdade, treinar todos os dias, então foi, eu lembro certinho do baque assim tal, tipo sessão da tarde, cinema, pipoca, eu nunca vi na vida, eu lembro até que a falava nossa, gente, nossa, meu sonho é só assistir sessão da tarde, a gente morria de vontade de assistir sessão da tarde, porque nunca, nunca né, treinava de segunda a sábado direto, ai ela começou, antes ela conversou com os pais, ela fez toda a parte perfeita, tudo certinho, e a gente aceitou e vamo enfrentar isso ai, a gente começou a treinar no ‘Moringão’, vários lugares a gente treinou, chão durão mesmo, ali ralando mesmo e ai foi onde a gente começou, nós três, eu, a Camila e a Daiane, ai ela montou a equipe, tinha etapas diferentes, eu era categoria diferente delas, enfim, mas a gente sempre, a gente começou ficava em primeiro, as vezes em segundo.

Kátia: Isso em campeonatos regionais?

Alessandra: Já tava brasileiro já

Kátia: Já tava brasileiro?

Alessandra: Já, já, começamos, a gente costuma dizer que ela pegou assim, pronto ali né, a gente já, era uma coisa que a gente já amava, já queria muito fazer e já tava começando a se preparar e ela pegou e modelou, lapidou aquele diamante e foi isso que aconteceu, a gente começou e começou a se destacar, parecia campeonato tanto estadual, regional, paranaense, jogos, jogos olha eu não me lembro quantos milhares de jogos, todos os tipos de jogos, abertos, tem vários ai que eu não me lembro mais os nomes, ‘jebis’ e tal que a gente ia, ganhava tudo, é, vou falar pra você, foi difícil, eu não me lembro, um ou outro que a gente tenha ficado em segundo lugar, a gente começou uma carreira brilhante mesmo, em 89 a gente já era seleção brasileira.

Kátia: Com quantos anos?

Alessandra: A gente tinha acho que, 89...

Kátia: Você nasceu em que ano?

Alessandra: 76, então eu tinha, 89, 9, 13-14 anos, a minha primeira competição internacional, porque eu treinei um pouco com a Elisabeth Alafrank né, eu peguei o finalzinho da equipe da Elisabeth Alafrank pela minha idade, eu tava entrando no nível já das adultas e ela precisava de uma ginasta e olhou o Brasil inteiro e a ginasta tava ali do lado dela, fui eu, então, eu peguei um pouquinho a equipe dela foi quando eu fiz a primeira viagem internacional de 13 para 14 anos pro Japão, eu fui com a equipe dela que já era adulta, então como eu já era grandona passava né, porque não teria problema eu ir em uma fase adiantada, não poderia retroceder né, então ai ela me convidou, eu fiz o teste, passei e comecei a treinar com ela e a Barbara fica com as menores e levar as meninas, as duas pra competições, a gente sempre se destacou, ai eu treinei um pouco com a Elisabeth Alafrank, aprendi muito, cresci muito no período que eu fiquei com ela, a gente foi pro Japão, foi uma boa apresentação, a gente ficou, eu me lembro, em quarto lugar no Japão, era um mundial, Copa quatro continentes, a gente ficou em quarto lugar, eu me lembro e eu era uma criança né, pra mim era, tá tudo beleza, tudo tranquilo, era tudo festa, mas me lembro até hoje dessa vez que a gente foi, esse campeonato e ai ela voltou, foi aonde a Elisabeth encerrou a carreira como técnica e passou a Barbara ser a técnica da seleção brasileira, foi feito tudo programado, burocracia de sempre e tal e a Barbara assumiu e ai eu voltei e fiquei com a Barbara e ai a gente começou, nós começamos a ser seleção brasileira desde 89, em 89 a gente não competia mais no Brasil, então pouco, o Brasil pouco conhecia a gente né, a gente só competia fora, então desde de muito novinha, a gente ficou viajando ai por esse mundo a fora, participando das competições, detalhe muito grande, sempre a gente bancando, sempre a gente pagando, meu pai, não uma mais duas, antigamente era muito caro uma viagem internacional, muito, muito caro, eu me lembro bem, meu pai, é, cada pai teve que sempre se virar com todas as viagens, com tudo, alimentação, tudo, ninguém dava nada, a gente não teve, não tinha esse apoio e a medida do possível que foi passando um pouquinho, passando um pouquinho, ai a gente foi conseguindo através da Unopar que a gente, a Elisabeth Alafrank né, foi com esse meio tempo, era Fef, depois passou para São Paulo e depois pra Unopar, uma grande faculdade hoje de nome de peso e na época foi começando a crescer esse lado também, porque ela acompanhava nas competições, foi crescendo e tal, ela foi desenvolvendo essa parte assim que ela largou como técnica junto com o esposo dela, e ai, que a gente foi conseguindo alguma coisa, ela foi patrocinando a viagem, enfim, não me lembro o período mas foi a Unopar que começou a tirar um pouquinho o peso dos pais, demorou um pouco mas foi assim, a gente sempre foi patrocinada pela Unopar, só pela Unopar que acreditou desde o início e ai começou a minha carreira, na verdade ai começou, ai começou a treinar muito, é, a gente treinava 9 horas por dia, começou a se destacar no Brasil todo, no mundo afora, lá fora a gente ficava, não eram colocações boas dependendo de quantas tinha, mas a gente conseguia os resultados que a minha técnica achava que era merecido né, então a gente ficava feliz de qualquer forma e acima de tudo, a gente fazia o que a gente gostava, a gente amava aquilo ali, por isso continuava, senão não teria continuado, teria largado com certeza e os treinos começaram a ficar pesados né, pesou muito, nove horas por dia não é pra qualquer pessoa que aceita isso, treinar nove horas de segunda a sábado, descansar domingo, largar tudo, larga amizade, larga vida, larga casa, larga tudo, você tem que larga tudo, você tem que escolher, ou você escolhe esse lado ou você escolhe ser uma pessoa diferente das outras e chegou um denominador final que um dia ela conversou com a gente sobre isso também, ela colocou a gente, porque a gente era muito nova e falou assim, olha a gente vai começar o ciclo olímpico, a gente vai começar isso, começar aquilo e eu quero saber de vocês, todo mundo topa, é isso, não, eu topo, eu topo, eu topo, eu topo, vamo junto, eu, a Daiane e a minha irmã sempre, sempre esteve juntas, nossas decisões era sempre juntas, a gente conversava bastante, principalmente a minha irmã né, a gente morava junto ainda na época, então a gente, a minha irmã e a Daiane foram as duas bambambãs durante muitos anos no individual na ginástica né, e ai, até que um certo momento o Brasil optou pela carreira do conjunto que seria muito mais de se destacar do que o individual porque era muito difícil no individual lá fora o individual é muito forte né, você com certeza sabe e ai a gente, a Barbara teve essa time de conjunto e começou a pegar pesado no conjunto e ai foi onde a gente começou os ciclos né, começou a se destacar em monte de coisa, ai os treinamentos começaram a ficar pesados...

Kátia: Isso era já que ano Alessandra? Vocês foram 2000 e 2004.

Alessandra: Ai olha, é, em 90, bom, eu fui até 94, 95 eu parei porque em 94 eu me casei tive dois filhos, então eu interrompi a minha carreira durante dois anos, foi aonde, eu me lembro em 93...

Kátia: Isso você conseguiu arrumar namorado e casar? Uau, você é uma artista mesmo...

Alessandra: A gente arruma, a gente sempre dá um jeitinho, se a gente não dá o jeitinho, alguém dá o jeitinho, então foi assim, em 93 eu me lembro que a gente se destacou em alguns campeonatos, 94 também, é 94 também, ai começou a destacar com a mídia e 95 foi exatamente quando eu tive que ceder o meu lugar, porque daí eu engravidei, ai eu casei e tive os dois filhos em 95, então eu tive um em março e um em dezembro, tem que ser rápido né, porque eu tinha que voltar a treinar, ai eu parei em 95, tive a Larissa em março e o Evandro em dezembro, ai em 96 eu amamentei os dois e 97 eu voltei a treinar, foi ai que começou a minha grande história, eu voltei, não lembro onde eu tava...

Kátia: Você amamentou os dois...

Alessandra: Ah, ai eu tive as crianças e parei de treinar, pra mim foi uma decepção muito grande, foi muito, muito, foi difícil pra mim, muito difícil porque foi a hora que eu começando ter os frutos de tudo o que eu já tinha treinado, passado na vida, chorado muito, muita dor, o psicológico vai lá embaixo sempre, então a gente tinha dificuldade pra tudo, tudo era difícil, tudo, eu me lembro, tudo era difícil, nada era fácil, tudo que queria conseguir tinha uma burocracia muito grande, ninguém queria vestir, ninguém queria dar, ninguém acreditava, parecia que a minha técnica falava com as paredes, as vezes que a gente tava por perto e uma coisa brilhante dela assim, foi uma coisa que ela, ela nunca deixou transparecer isso pra gente sabe, a minha técnica, eu admiro muito ela, a personalidade, porque desde, todos os tipos de problema, até aqueles que a gente só fica sabendo depois, a gente nunca ficava sabendo de problema nenhum, ela conseguia segurar tudo, toda a onda pra ela sem transparecer pra gente, pra gente sempre tá assim, não, vamos treinar, a gente vai conseguir, a gente pode ficar entre as três melhores, a gente pode ficar entre as dez melhores, a gente pode ficar entre as vinte melhores, top ten, sempre foi assim, e ela nunca deixava chegar a ‘podrera’, as coisas ruins, arbitragem, pessoa assim, pessoa assado, nem comentário nenhum ela deixava chegar perto da gente, a gente sabia que existia, mas ela não deixava e com isso ela protegia a gente, então ela teve a gente como filha sabe, ela era uma mãe, foi uma mãezona dentro das medidas possíveis dela, ela foi uma mãezona pra gente, evitando que a gente sofresse um pouco mais talvez, então a gente, ai eu tive as crianças, ai 96 eu amamentei e 97 me deu um negócio porque na minha cabeça eu não ia voltar mais, porque com dois filhos, eu tive prematuro ainda, foi muita complicação, eu tinha 17 anos de idade, foi muito nova, então é, eu tive surpresa com a minha menina que a Larissa nasceu com ‘5% de vida’ e ficou muito tempo na UTI e era muito nova, não conseguia entender certas coisas, ai já veio o meu menino, de repente eu fiquei sabendo que eu tava grávida de novo, já tava de 4-5 meses, enfim, foi uma loucura, sorte que eu tive um marido e meus pais, a família pra tá ajudando, ai 96 amamentei e 97 em janeiro, eu lembro certinho, não lembro o dia, mas foi em janeiro, ai eu peguei e falei gente, eu tava pesando, quando eu parei de treinar até aquele dia, uns 30 quilos a mais, porque eu já era muito magra na época, ai eu peguei e falei, meu Deus, acordei e falei assim, eu quero voltar a treinar, ai eu comentei com o meu esposo e falei assim, amor, o que você de voltar a treinar? Ai ele falou assim, você enlouqueceu, você tá louca, ai eu peguei e falei, ainda não, não consegui enlouquecer ainda, mesmo com dois filhos, com essa idade que eu tenho, com tudo, eu não consigo enlouquecer, ai, mas enfim, deixei a opinião dele reservada um pouquinho e fui falar com o meu pai, ai cheguei por meu pai, e pai, fui de manhã na casa do meu pai e falei, to pensando voltar a treinar, eu sinto dentro de mim que eu cortei um cordão umbilical que eu não deveria ter cortado, não era pra ter acontecido e eu não vou ter paz na minha vida se eu não ao menos tentar e não ver que e não ter certeza que eu seria capaz de continuar ou não, eu tava no auge, começando o auge da carreira e eu tive, interrompi, foi um deslize meu, culpa minha e tal, mas enfim, aconteceu e eu tenho vontade de voltar, o que o senhor acha né, meu pai virou pra mim assim e falou, só se você tiver louca, só se você e a sua técnica tiver louca, ele até falou da minha técnica, só se você e a Barbara estiver louca né, não tem condições nenhuma de você voltar treinar, eu falei é,o senhor tem razão, eu entrei no carro, voltei e isso era umas 11 horas da manhã, cheguei em casa e falei, quer saber, eu perguntei pras pessoas erradas, fui lá no ginásio, falei oi Biru, eu chamava ela de biru né, oi biru, tudo bom não sei o que, oi Alê não sei o que, como vai as crianças, enfim, vão bem tal, tal, falei assim, Biru, é o seguinte, eu vim aqui, eu vim pedir pra você deixar eu voltar a treinar, não é pra voltar em competição nada, queria voltar treinar para voltar meu corpo, eu fico aqui atrás, ainda falei assim, você não precisa nem olhar pra mim, porque eu sei fazer tudo vou voltar aos pouquinhos, finge que eu não estou aqui, eu só queria permissão pra voltar treinar, estar aqui porque foi o que eu fiz a vida inteira né, uma academia, isso pra mim não vai adiantar em nada, ai ela falou assim, você quer voltar treinar, só falou duas coisas, você quer voltar treinar Alessandra, eu falei, eu queria voltar treinar, morria de vergonha imagina, nossa, meu deus do céu, não se enxerga, eu achei assim, você tá louca, se eu escutasse o terceiro não, eu é, acho que eu estou louca mesmo, to assim, viajando na maionese, to sonhando né, com duas crianças, com 30 quilos a mais que eu tinha quando eu sai aqui dessa porta, meu deus do céu, não consigo sentar mais no sofá, devo estar enorme lálálá, porque a gente já dobra tudo, ginasta é assim, e eu falei assim, meu deus do céu, quero saber, comecei a suar e se ela falar uma coisa pra mim e virou e falou assim, Alessandra, era essa atitude que eu estava esperando de você, as 2 horas eu quero você pronta aqui, ai eu falei, você tem certeza Biru, as duas horas, você era pra tar pronta ontem, então hoje eu quero você as 2 horas aqui pronta pra treinar, cheguei em casa e falei assim, to voltando treinar hoje, eu fiquei tão animada que eu me inscrevi pro vestibular também, e fiquei tão animada que eu nem estudei nem nada e passei, eu minha irmã e Daiane, passei no vestibular...

Kátia: E o que vocês prestaram?

Alessandra: Educação física, a gente era obrigada fazer educação física na Unopar e fazer ginástica rítmica, a gente tinha que fazer educação física, não tinha outro curso, não era opção, o que eu queria...

Kátia: E teus filhos estavam com que idade?

Alessandra: Um aninho, ai falou isso, eu falei quer saber vou consertar minha vida agora, voltei treinar, fiz a inscrição no vestibular com as meninas, as meninas não tinham feito ainda não sei por que e eu falei vou fazer, gente vamo fazer inscrição pro vestibular, educação física tem que ser porque a gente é obrigada fazer educação física, vamo fazer educação física, vão as três vai, vamo ver quem passa, as três passaram, ai a gente começou estudar a noite e treinar 9 horas por dia...

Kátia: Com dois filhos de um ano...

Alessandra: Com dois filhos, ai a minha luta começou, olha, eu vou falar que a minha carreira começou ai, a minha luta, tudo que é mais sofrimento de, mais dor, mais tudo foi ai, e foi questão de honra pra mim na verdade, pra mim era questão honra, eu tinha que provar não pro mundo, mas pra mim que a minha carreira, ela ia continuar, ela não tinha acabado, eu sabia que não tinha acabado a minha carreira e não ia ser dois filhos, quatro filhos, família, marido, é, condições física péssimas que ia me fazer pensar o contrário, a minha cabeça pensava isso e meu coração desejava isso, então eu tinha que ao menos tentar, senão eu ia ser a pessoa mais frustrada nesse mundo, fazer tudo o que eu fiz e na hora que eu cheguei para conseguir fruto, acontecer deu engravidar, deu casar, deu ter outro filho em seguida, nossa, foi um furacão, mas eu sabia que se Deus tinha permitido, é porque eu daria conta, ai eu peguei e falei quer saber, conversei com o meu esposo, com a família, pus meus pais, sogro, sogra, todo mundo, olha o negócio é o seguinte, vou voltar treinar, passei no vestibular e eu quero saber se vocês podem me ajudar, porque eu vou precisar da ajuda de vocês, meu pai e minha mãe na hora falou assim, filha tudo o que você precisar a gente vai fazer por você, tudo o que for possível, minha sogra e meu sogro também e o mais importante era o meu marido né, eu falei, Marcelo, você encara comigo, a gente vai entrar no ciclo olímpico agora, eu vou, quer dizer, na época eu falei olha, vou voltar treinar e nem que tinha ciclo olímpico não, ai eu to lembrando aqui agora, ai eu peguei e falei, olha eu vou voltar treinar de manhã e a tarde, eu vou ficar lá no fundo, meu objetivo é voltar, voltar o corpo e lalalá quem sabe, as vezes eu consigo alguma coisa a mais e vou tá treinando, eu vou tá treinando 9 horas por dia e vou fazer faculdade a noite, eu quero saber se você me ajudam em relação as crianças, então eu tinha babá, tinha empregada ficava lá, minha mãe revezava, minha sogra revezava, a noite meu esposo ficava sempre em casa com as crianças pra liberar o resto do povo pra descansar e assim começou, ai começou as aulas e começou os treinos, o treinamento foi tão pesado pra mim, mas tão pesado que eu perdi 30 quilos em três meses, 30 quilos em, três meses eu tava do jeito que eu sai dois anos atrás e no quarto mês ela me convocou pra seleção brasileira de novo, “Kátia: Caramba”, tirei o lugar de uma e eu não esperava isso, eu não esperava, a competição é em maio e abril eu assumi a seleção de novo, eu tive um mês pra me prepara para competir em maio nessa competição que ia ter, ela virou pra mim e falou, você vai encarar, porque eu confio em você, você vai encarar, e eu, vou encarar, pode contar comigo a partir do momento que eu topar, eu vou até o fim, e sempre colocando Deus, senhor vai guiando meus caminhos ai, porque a ‘borrachada’ não vai ser fácil não, vai ser dura e foi, então, quanto as meninas treinavam 6 horas, eu ficava 9 horas, quando as meninas iam embora, eu ficava lá no treinamento físico, quando as meninas iam embora, descansar, dormir, feriado, eu tava lá correndo, treinando, pesinho no pescoço, pesinho na barriga, pesinho na perna, pesinho aqui, pula no colchão dessa altura, fica pulando o dia inteiro, então eu penei muito, real, eu penei muito, trabalhei muito, as vezes a Barbara ficava comigo, ela deixava os treinamentos depois pra quando todo mundo ia embora, domingo eu tava lá, sábado eu tava lá, tava todo dia, 24 horas lá, ia pra faculdade, eu me lembro bem, eu chegava na faculdade e só fazia assim, tu, vamo embora, nossa, já acabou, meu deus do céu, a sorte que tinha, os professores eram gente boa, compreendia e nosso ginásio era do lado a nossa sala, então eu saia dali e entra ali, saia dali e entrava aqui, só ficava assim, regime muito rigoroso eu fiz, muito assim da minha cabeça, fiz da minha cabeça o regime...

Kátia: Simplesmente parou de comer?

Alessandra: Eu simplesmente comia só alface, era cinco ervilhas, sete milho, duas fatias de tomate e uma folha de alface, simplesmente isso na hora do almoço, treinando 9 horas com isso, de manhã era uma fatia de bolacha água e sal, porque se três era meio pão francês, eu não podia, então tinha que ser uma, uma maça, 10, 10:30 pra não desmaiar, ai no almoço era isso, male mal era um pedacinho de bife ou frango, mas bem do pequeno, água, água, água ta com fome, vai beber água, tá com fome de novo, vai beber água e era água, água, água , a tarde era a outra metade da frutinha, a noite era uma água com uma cenoura e uma batata, batata não, batata nunca, eu lembro que uma semana, uma cenoura, parecia água suja, boiava uma cenourinha ali dessa tamanhozinho picado e era o que eu comia todo dia, todo dia, tirei tudo, eu lembro do ovo de páscoa, as crianças tiram sarro até hoje que eu comi o ovo de páscoa no dia 25 de dezembro, porque era o único dia no ano que eu podia comer alguma coisa que me pudesse fazer engordar e ai começou o psicológico e ai começou a mexer com tudo né, mas mesmo assim eu me mantive firme, eu tinha uma casa pra cuidar né, tinha família, tinha casa, tinha que fazer compra, eu tinha que fazer tudo, eu fazia tudo na minha casa, não tinha ninguém pra fazer...

Kátia: A que horas você fazia isso Alessandra?

Alessandra: Eu tinha uma hora de almoço, então, uma hora de almoço eu usava pra ir no mercado, levava roupa pra casa, dava banho nas minhas crianças, dava almoço, levava pra escola, e 1 hora eu tava no ginásio, então, era esse o horário que eu tinha, chegava da faculdade onze e meia, dormia meia noite, sete, sete e meia eu já tava indo pro ginásio de novo, então essa foi minha rotina, foi bem desgastante e mas eu topei, eu queria isso, isso ai pra mim era questão de honra, valia mais do que tudo no momento pra mim, era tudo, porque ali eu tava tentando descobrir se eu ia ser uma pessoa frustrada ou não por tudo o que tinha acontecido e eu me vi em guerra comigo mesmo, então foi por isso que eu lutei e meus filhos começaram a crescer um pouquinho, em 97 eu, em maio eu fui pra esse campeonato e já tive meu lugar, nunca fui reserva na vida, graças a Deus, eu, é, acho assim, que Deus foi tão bom, ele me ajudou muito, muito, muito, eu tive muito sozinha também, porque cada tinha a sua vida, então, eu, a gente sofria e além de tudo eu cuidava das meninas, porque as meninas de fora, elas ficavam doente, não tinha o que comer as vezes, não tinha quem buscasse tal certas coisas, que estava num começo de estrutura lá na Unopar, todo começo é tudo meio precário, eu era a única mãezona, então eu ia lá cuidar das meninas doentes, eu colocava no colo, dava remédio, levava pra farmácia, além de tudo, eu fazia isso e ainda cuidava da Flavia, a Flavia lembra bem disso, eu cuidei muito dela, ele teve muito problema de saúde, trazia pra minha casa, Michele também na época, eu ainda cuidava delas, morria de dó, que ficavam lá largadas, então eu tava fazendo de tudo um pouco e ai foi onde foi começando, ai começou deslanchar a GR no Brasil, e ai os campeonatos começaram vim,é, a gente não precisava pagar mais nada, quando eu já voltei, já tava nessa fase meu pai e minha mãe pagar, já tinha patrocínio da Unopar, a Unopar já falava qual era as competições eu a gente já ia e com isso a gente começou conhecer o mundo né, eu, graças a Deus, conheço o mundo todo, eu só não conheço o Brasil, o Brasil eu não conheço muito não, mas a gente começou conhecer o mundo todo e viajar, viajar, viajar e treinar, treinar, treinar, ai veio Russa, técnica da Bulgária, veio gente pra treinar a gente, ai eu lembro certinho, não esqueço nunca, a Russa, meu nome em russo, Alessandra é Sasha né, ai eu lembro como se fosse hoje com se ela tivesse aqui do meu lado, Sasha, vamo Sasha, falo isso até hoje, ela ficava buzinando na minha orelha o tempo todo, por que eu tinha que ir, eu tinha que acompanhar, eu tinha que estar no ritmo das meninas, eu tinha 25 anos e as meninas tinham 15 na minha equipe né, então, eu era mais velha com filho, quadril diferente, então tudo tinha que ser muito mais, comigo era dobrado, o esforço era dobrado...

Kátia: E tua irmã tava ai com você?

Alessandra: Minha irmã tava, minha irmã, Daiane e ai as outras meninas iam trocando com o tempo, algumas ficavam, umas aguentavam, umas não aguentavam, umas ficavam doente, mandava embora, ai todo janeiro fazia seletiva pra vê se ia trocar alguém, se não ia, ai trocava metade, mas eu, Daiane e Camila sempre era o pedestal, sempre, as três bases, a gente sempre foi a base da equipe, desde o começo, tanto que a gente praticamente encerrou junta, eu e minha irmã, a gente encerrou depois da olimpíada de 2000 né, encerrou a carreira, a Daiane ficou mais um ciclo, foi pra 2004, mas, é, a gente começou juntas, eu e minha irmã começamos juntas e terminamos juntas, minha nesse período também teve um filho ela casou logo uns três, quatro anos depois que eu, também passou por esse processo, panamericano, a minha irmã, meu sobrinho foi, ele era pequeninho, foi a sogra tal pra acompanhar, panamericano não, sei lá que competição em 98, ai, gente do céu, ai começou a destacar, o Brasil começou, ai em 98 a gente começou a se destacar, ai veio o panamericano né, de 99, ai veio o pan, ai meu deus, panamericano, pensei, nunca ninguém ganha esse raio de panamericano, a gente não sabia nem o que era, não sabia nem da importância que tinha esse campeonato, ai a gente foi, a Barbara lá, a gente conversou antes, vamos treinar pra gente tentar uma medalha, pelo menos terceiro lugar, vamo treinar pra isso, pra isso, meu, vamos treinar pra isso, vamo conseguir, vamo conseguir, não é possível, uma medalha vai trazer meu deus, e ai foi, a gente treinou e treinou, treinou, treinou, treino muito, chora, vou confessar uma coisa, chorei muito nesse período, mas chorei muito, de muita dor, muito stress, psicológico totalmente abalado...

Kátia: E o regime a milhão sempre?

Alessandra: Milho olha, eu como porque eu gosto muito, mas não posso nem ver ervilha meu deus do céu, tomate eu como porque eu gosto muito, alface também, porque olha, e eu não gostava de mais nada, eu só comia isso, e ai eu chegava a sonhar, eu sonhava que tinha aqueles baldes grandes de milk-shake e eu tava lá dentro, eu me via tomando lá dentro, sabe que é ficar olhando você ali dentro e a pessoa tá mexendo e eu to lá, lá dentro, mergulhando e tomando, é, eu me lembro também de uma competição que eu vi um pão no chão, queria catar e comer, tava na terra o pão, eu me via pegando e comendo aquele pão, era uma coisa desse tamanha, eu me lembro como se fosse hoje o pedacinho no chão, alguém deixou, alguém jogou no chão, eu vou lá correndo pra pegar esse pão e eu vou comer esse pão, eu tava, eu já tava nessa fase assim de que eu já me via, “Kátia: Alucinando.” É, eu me via, eu era a carne do big Mac, e eu via a pessoa comendo e eu via eu lá, sabe, uma sensação, eram sensações horríveis que passavam nossa, sonha, eu sonhava muito com isso...

Kátia: Nossa, quase alucinação isso.

Alessandra: É, eu sonhava, delirava com essas coisas, e eu acordada, eu não me permitia pegar um pedaço de chocolate e me enganar, eu não me permitia fazer isso...

Kátia: Muita disciplina, meu deus do céu...

Alessandra: Muita, muita, e no meu caso era assim, tinha um milhão de ginasta esperando um vacilo meu pra entrar no meu lugar e eu não podia dar esse vacilo, toda sexta feira a Ana pesava, toda segunda feira ela pesava, cada 100 gramas a mais, 100 reais a menos no salário, 200 gramas, 200 reais, 1 quilo, 1.000 reais, assim, teve neguinha lá que deixou 3.000 reais de sábado pra domingo, um dia de engordar três quilos, agora, o que você acha que acontece com o psicológico da pessoa dessa, só que aquela, fazia errado, comia escondido de sábado pra domingo e nunca aconteceu comigo, graças a deus, mas, toda a equipe pagava, não era ela que pagava, ah, você engordou 100 gramas, correr tantas horas lá fora, no sol do meio dia, com pesinho, vai ficar pulando no sofá ate eu contar dois mil pulos, pular corda ai, foguinho né, sabe aquele, cada pulo duas vezes, cada pulo duas, cada pulo duas, vai, duzentos, trezentos, quatrocentos, vai to contando, errou, começa de novo, era assim, então era muito tenso, muito, tinha que ser assim, se a gente quisesse objetivo que a gente queria, tinha que ser assim, não tinha outro, se a gente abrisse ali um pouquinho, a gente perderia, e ia perder aquela oportunidade e ia ser pra sempre e não ia ter como voltar, então isso pesava muito, pra chegar no panamericano, daí a gente acreditava e não acreditava né, a minha técnica sempre acreditou que a gente sempre fosse ganhar tudo, que a gente fosse em tal lugar, é, que a gente poderia ficar em tal lugar, sempre sonhou, não você podem, porque eu andei olhando, ela nunca deixava a gente ver as outras equipes, eu nunca via as outras equipes, ela sempre resevava a gente, ela ia, dava uma espionada no geral, voltava, a mãe dela sempre foi presidente da confederação FIG, então as vezes passava o fio, olha dá assim, de repente falava alguma coisa, mas eu não sei, eu sei que ela, ela fazia pra aquilo lá tá dentro da gente e a gente acreditava, ‘vambora’, perdi, a decepção ó, ai no outro daí começava tudo de novo, as vezes uma errava tal, tinha falhas, quando não tinha falhas, acertava tudo, não era o suficiente, ai até que um dia ela foi assim, olha, vou trazer alguém vai treinar vocês aqui, eu vou tar junto aqui, agora vamo ver, ou é tudo ou nada e ai foi quando a gente começou deslanchar, ai chamou gente de fora pra ajudar e ai o treino começou a ficar dobrado de pior, porque ai veio gente de fora

Kátia: Porque ai veio o estilo de lá, Russo.

Alessandra: Russo, ai veio , veio duas, três técnicas de fora, ficou um ano com a gente, um ano inteiro e a “Kátia: Sasha aqui ralando”, nossa meu deus do céu, olha menina do céu, tinha dia que eu saia, eu falava gente, ou eu vou pirar hoje, perder a memória ou não perco nunca mais também, ou eu vou me matar hoje ou eu não mata nunca mais, ou eu morro e era sempre assim, e eu e minha irmã ali junto, Camila, daí Camila já casou, já tava com família dela, separamos tal e eu sozinha e sozinha, falava assim, Marcelo de deus não vou dar conta, você vai dar conta, ai não sei, ai meus filhos começaram a falar já, já tava naquela assim, mãe, você vai viajar, trás medalha de ouro, trás medalha de bronze, trás medalha de prata e eu tinha monte de medalha lá, e eles viam, mãe eu quero igual essa, mãe eu quero aquele, e aquilo foi me dando força, na verdade eu tirei força da minha filha e do meu filho, foi ali, eles me pedindo resultado, foi onde eu, não, eu vou, passar por isso e eu vou conseguir, não é possível, eu vou conseguir, eu vou conseguir, e assim foi, até que chegou o panamericano, ai foi uma experiência assim inesquecível, foi onde a gente se consagrou né, o Brasil tava em quarto lugar no geral e nossa competição era a ultima, a primeira no panamericano era a ultima, e a gente e não, o Brasil tinha que ter uma medalha de primeiro lugar pra subir pra terceiro lugar, e tinha o basquete e a GR, os dois últimos campeonatos pra encerrar o panamericano, ai meu deus, todo mundo, meu deus do céu, tá todo mundo assistindo e a gente nunca ganhou nem medalha de terceiro, quanto mais de primeiro, como que vai fazer e enfim, vamo fazer, a gente era muito unida, eu era a mais velha a gente chamava todo mundo, a gente orava muito, tinhas umas musicas que a gente levava junto sempre cantava, orava antes, orava depois e falava assim, não é possível que o Senhor deixou de desenvolver esse sonho dentro do nosso coração e o Senhor vai ajudar a realizar, deve ter um propósito pra tudo isso, e foi aonde a gente começou, ai esqueceu todo mundo lá fora, o mundo em si mesmo, é, o basquete foi, não conseguiu, Brasil em quarto lugar e todo o comitê presidente, tudo foram pro ginásio da ginástica rítmica sentar lá e assistir, eu lembro certinho, eu vi o...

Kátia: Que nunca fizeram porra nehuma...

Alessandra: Risos, nunca nem deram uma bala.

Kátia: Mas a medalha se queria.

Alessandra: Mas a medalha queria, ia lá, e foram lá todo mundo, ai a minha técnica falou, bom, agora é tudo ou nada, é com vocês, o que eu podia fazer, eu fiz até agora e eu mais velha, aquela responsabilidade caiu em mim assim, eu falei meu deus do céu, os dois movimentos mais difíceis depende de mim, eu que fazia, ai o negócio começou a suar...

Kátia: E era a fita e arco?

Alessandra: Era massa, o panamericano foi cinco massas, e arco e fita...

Kátia: Eu lembro dessa coreografia

Alessandra: Linda né, ai eu falei meu deus do céu, massa, minha preocupação era massa, porque massa, ela não que nem bola e nem arco, mas massa, se ela cair de bico, ela bicando até, falei meu deus e ela pode quebrar e fiquei, meu deus, aqueles dois exercícios que eu, é a minha responsabilidade e eu já imagina assim, a câmera vai estar aqui na minha cara e meu deus do céu e ai chegou a nossa hora, e ai nós fomos os últimos, na primeira coreografia a gente foi a primeira, e na ultima pra encerrar, que foi a massa, não, arco e fita a gente foi as ultimas, pra saber o lugar que a gente ia ficar, ai menina, só sei que a gente entrou lá de uma tal forma, que nem cinco gigante entrando na quadra, eu lembro perfeitamente aquele silêncio, tudo ficou silêncio, dava pra escutar uma mosca, fizemos a pose e falei, agora é com o senhor, eu lembro que a gente fez a pose e ai começou, as nossas duas coreografias executadas perfeitamente, foi perfeito, tudo, até a que a gente tinha errado todas as vezes e que devia ter mudado e não mudou, tava dando dor de barriga lá trás que errou também antes de entrar na quadra, a gente chegou lá, fez, eu lembro certinho, eu lembro do barulho que o aparelho fazia quando chagava na minha mão assim sabe, é, foi tudo tão tranquilo, tão calma, eu lembro que o movimento mais difícil, que era eu aqui e eu tinha que lançar no panche né, aquele movimento que eu lançava tinha que ser preciso, porque a outra menina estava esperando e ponta cabeça só com a minha mão aqui, eu tinha que lançar lá na mão dela, 13 por 13, eu lembro certinho, eu lembro a hora, eu consigo sentir a hora que o aparelho saiu perfeitamente do meu dedo, da ponta do meu dedo, eu falo assim, quando a gente aprende perfeitamente, a gente aprende pro resto da vida né, hoje eu faço, eu vou lá no ginásio e faço o mesmo movimento e cai na mãe do mesmo jeito, depois de 12 anos, então assim, eu lembro que tudo, parece que a gente fez a coreografia tudo em câmera lenta, tudo, se tivesse que dar um passo, daria tempo pra fazer tudo, e foi, foi assim que a gente fez a nossa competição, a nossa participação e a li, na hora que a gente fez a pose final, o público levantou pra aplaudir, e ali a gente ganhou as três medalhas de ouro, foi ali que a gente se consagrou, todo mundo levantou aplaudiu, assim, não tinha o que questionar, “Kátia: incontestável”, não tinha, não tinha, a gente disparou de Estados Unidos, Canadá, disparou e ali a gente se consagrou, e ali todo mundo veio, “Vicélio”, sei lá quem , era tão inesperado que quase não tem foto, quase a gente não tem foto desse momento, não ser de um jornalista de qualquer lugar do mundo, do Brasil, sei lá, da América, quer dizer, que era tão inesperado o primeiro lugar que olha, que eu tenho uma foto que é bem fosca, é o que saiu na mídia e ai a gente ficou com esse primeiro lugar, campeã panamericana, ai começou a parte do ciclo olímpico né, pra olimpíada, ai tinha o mundial top 10, e a gente tinha que ficar e quando a gente voltou, subiu revista, jornal, é, eu lembro na minha casa o Fantástico, Jornal Nacional, falei assim, gente, não acredito, nossa, não acredito, não acredito, saia nas revistas, vieram a Claudia, a revistas vinham até aqui pra tirar foto, daí colocava a gente de vestido, nossa, a gente só fazia palhaçada, porque, a gente era tão ali, aparecia um desenho aminado, ai a gente saiu em tudo quanto é revista, quanto é jornal, a gente era notícia, saiu muita coisa mesmo, ai com isso, a gente participou de vários programas também na televisão e logo já seria o mundial que era o top 10 e a gente tinha que confirmar nossa vaga para o olimpíada, que bastava o primeiro lugar no panamericano, a gente se dispersou um pouquinho, a gente foi programa do Jô Soares, fazer aniversário de Ana Maria Braga, Xuxa e o tempo foi passando e treinando menos e cada viagem era três, quatro dias, e a Barbara, ela não queria, mas ela queria dar esse agrado pra gente e ela não consegui falar não, a maioria das vezes ela não foi com a gente nesses lugares a gente ia sozinha, porque a gente queria tanto, chegou a nossa vez, aquele era nosso momento, e acho que ela entendi que ninguém podia tirar aquele momento da gente, pra ela não fazia diferença, mas pra gente fazia uma grande diferença aquilo tudo, era uma consagração, a gente queria mostra pro mundo que a gente existia e a gente existia desde pequena e nunca ninguém acreditou na gente, nunca ninguém pôs pelota, nunca ninguém deu uma bala, nada, era nada, nunca ninguém pagou um collant, nada, só o meu pai, ai a gente teve esse “Kátia: Esse descompasso” e descompensou um pouco ali e a gente foi pro mundial que era no Japão e tinha que ficar entra as dez melhores do mundo, vigésimo lugar nós ficamos, foi um aparelho fora da trave, só, um aparelho foi lançado fora da quadra, fez com que a gente caísse de oitavo pra vigésimo, um aparelho fora da quadra, enfiaram a gente tudo dentro de uma sala lá, porque você errou, porque você errou, porque fez isso, agora tá aqui, trancaram a gente numa sala lá e começaram a perguntar e a gente tinha que falar o a gente errou, e eu como já era adulta, falei gente, de certo a gente errou não foi porque a gente quis, foi lá porque foi de propósito mesmo, pergunta mais idiota, uma coisa que eu lembro bem quem fez essa pergunta, lembro bem quem estava ali, as meninas mais novas pode ser que não lembrem, mas eu lembro muito bem e tinha uma coisa que eu não admitia, me fazer de idiota, eu tinha idade o suficiente e eu não queria que subestimassem a minha inteligência, e muito, muito, muito anos e muito tempo, eu não pude falar nada, porque se eu falasse, eu não taria aqui, então eu tinha que me poupar e poupar a pessoa que vinha com tal tipo de pergunta, com tal tipo de atitude, seja ela qual for, me lembro de todas elas, sei de todas, se das perguntas, sei do dia, sei de tudo, e eu escolhi ter que engolir, engoli não, porque eu não engoli, na verdade eu não engoli, enfim, era uma escolha minha então eu tinha que lembrar sempre na hora que vinha na ponta da língua pra falar que era uma escolha minha, se eu falasse, eu sei que a politicagem ia cair, por um momento caiu uma vez, ai eu vi que o buraco era mais embaixo, ai eu tive que aceitar, sempre aceitando pra estar ali, mesmo que sabendo que não tinha quase nenhuma pra estar no meu lugar, mas tudo bem, ai foi, ai o ciclo olímpico, e a gente foi nesse Japão ai errou tudo lá, tivemos a maior zica, enfiaram a gente dentro de um quarto lá, sala e foram questionar porque que vocês erraram, e a gente ficou só olhando, assim, tonto olhando, tá terminou, a gente precisa tirar a roupa, descansar, ir embora pro hotel, comer, tava morrendo de fome, e enfim, a gente não perdeu a vaga porque foi o que fechou nossa vaga foi o panamericano, ai voltamos, teve o período de férias e retomamos pra 2000 Sydney, ai veio com a seletiva de novo, eles iam fazer seletiva, porque você rala desde os nove anos e chega na hora de ganhar o bem bom, você quer pegar qualquer uma do Brasil pra tar no teu lugar ali, pegar o que você sofreu a vida inteira e pegar o filé Mignon e comer...

Kátia: Que a vaga já estava garantida.

Alessandra: Que a vaga já estava garantida e eu tenho poder e ponho quem eu quero, nessas horas é assim né, enfim, ai foi, tivemos uma menina que foi excluída do grupo, Juliana Coradin, ela era minha amiga pessoal assim, tal, foi bem, foi uma politicagem, a próxima poderia ser eu, ou a outra lá, Flavia, como depois foi, foi assim, e na hora que subiu, todo mundo veio com olho gordo, queria mandar, de repente, de repente, eu vi que todo mundo queria mandar na ginástica, todo mundo queria mandar em quem tava ali, todo mundo queria fazer seletiva toda hora, toda técnica do Brasil tinha gente pra colocar na seleção pra ser melhor e de repente foi assim, só que eu observava muito a atitude da minha técnica e eu esperava que ela não decepcionasse nunca, nem a mim, nem a Daiane e a minha irmã, não falava muito pela Daiane, mais pela minha irmã, porque a equipe sem a minha irmã e eu não tinha equipe, a minha equipe sem eu, a Camila e a Daiane não existia nada, então a gente era, a gente sabia que a gente era o tripé do negocio, ai teve uns probleminhas no meio do caminho e tal enfim, foram resolvidos depois e a gente chegou pra olimpíada, chegou em Sydney e brilhamos do jeito que a gente brilhou, a gente foi, fez, todo mundo aplaudiu de pé, a gente conseguiu ficar na frente da Bulgária, a gente ficou em sétimo, a Bulgária em oitavo no primeiro dia e finalizou em oitavo lugar, Brasil nunca foi pra uma olimpíada, não sabia nem o que era nosso esporte, foi, representou muito bem, pegou final dois aparelhos e ficou entre as oito melhores do mundo

Kátia: Não dava pra ser melhor...

Alessandra: Ai não dava pra ser melhor, ai foi a hora que a gente, que ali eu, missão cumprida, ali foi um marco na minha vida, por exemplo, por que se eu não fosse pra uma olimpíada, seria a pessoa mais frustrada desse mundo por ter passado por tudo o que eu passei, é, eu sempre falei assim, desejo pra filha de vocês esse esporte, mas pra minha jamais, jamais, q eu acho que a tua filha tem talento, a sua, a sua também, todas elas tem talento, todas tem, todas merecem ser a primeira, mas a minha filha não, nunca, porque se eu pudesse lá trás ter escolhido um outro esporte, eu tinha escolhido, esse é um esporte muito, esse é um esporte que, como eu posso dizer assim, ele é ao mesmo tempo que ele é traiçoeiro, ele é desumano, depende muito de tudo da pessoa, de tudo, não é como o esporte coletivo, então assim, depois da olimpíada eu fiquei quase uns cinco anos sem assistir televisão em relação ao esporte, fiquei muito tempo, eu exclui essa parte da minha vida, porque foi muito difícil e muito pesado e só eu sei, minha técnica nem sonha, nem sonha que eu passei, eu lembro que eu encontrei ela, já fazem 12 anos, encontrei ano passado, sei lá quando ai, ela não sabia que minha filha tinha nascido prematura e ficado um mês no hospital por exemplo, então, em relação a isso, da vida da pessoal particular, não tinha nenhum

Kátia: Não tinha qualquer relação pessoal, era só o esporte?

Alessandra: Não, não, era só ali, interesse no rendimento, no esporte, na politicagem,

Kátia: Uma máquina de render, de fazer resultado.

Alessandra: É, isso me dói falar, mas essa é a verdade, hoje eu não teria coragem de falar da o contrario, essa é a verdade, mas lembrando sempre que eu queria muito então pra isso, eu tive que me submeter a muitas coisas, hoje eu não faria, se pudesse voltar, faria diferente, mas foi assim, eu amo, eu sonhei, eu tive muitos pesadelos depois, eu sonhava, até hoje eu sonho que eu sou uma ginasta, até hoje eu sonho que eu to competindo, de tão...

Kátia: Você terminou a faculdade?

Alessandra: Sim, no ano 2000, eu fechei a olimpíada, fechei a faculdade, fiz pós, fiz mestrado...

Kátia: Você conseguiu fazer tudo...

Alessandra: Ainda com tudo isso, ainda fui pra faculdade, fiz bacharel, licenciatura, fiz tudo, em seguida em 2001 já fiz a pós em GR né, depois comecei a Unicamp, tudo, comecei a trabalhar em vários colégios, ai eu fui trabalhei em colégio Adventista, eu sou adventista né, trabalhei no colégio Adventista, no colégio Marista, faculdade, abri curso em faculdades ai a fora, nunca trabalhei na Unopar, alias quando foi o ultimo dia lá, meu marido falou assim, aqui é um lugar que você nunca mais vai pisar, nunca mais pisei mesmo, gente, eu voltei lá uma ou duas vezes por que minha irmã pediu pra eu olhar uma menina dela lá tal, mas assim, é um lugar que eu evito passar, não passo, não vou, coisa minha, nada contra, nada, minha filha passou em direito agora, vai começar fazer aqui atrás, mas assim, por tudo que eu passei, por tudo o que eu vivi foram anos, não foi um dia, um ano, dois anos, foram 17 anos da minha vida, 17, então, eu encerrei a carreira com 26 anos...

Kátia: Começou aos 7, então são quase vinte anos...

Alessandra: Muito, muito vivendo disso, exatamente, tentando, tentando, nunca sendo nada, tentando, tentando, tentando, então, isso aqui que eu to falando pra você, eu vou te dizer que é 1% de tudo o que eu poderia falar, eu posso falar, mas é 1% , então assim, eu me tornei a pessoa mais feliz do mundo, por eu, Alessandra ter conquistado isso, por meu mérito, porque eu fui determinada...

Kátia: É uma realização pessoal...

Alessandra: É, dei meu sangue, por que eu não admitir elas irem e eu não, ainda mais uma irmã minha, então assim, eu sabia que era capaz, eu sei que, por exemplo, minha filha sente, eu larguei meus filhos seis anos da vida deles, eu não vi crescer 1 ano, 2 anos, 3 anos, 4 anos, 5 anos, 6 anos, eu não vi, então isso pra mim, eu sou assim, entre eu e a minha irmã, ela é mais racional e eu sou mais sentimental, então isso pra mim foi muito difícil e ela pedir pra mim resultados nos campeonatos tudo, pra mim fez a grande diferença, foi por ela, pela Larissa e pelo Evandro que eu fiz tudo isso, eu queria que eles tivessem uma mãe como eu sou, como eu fui conquistando tudo e não uma mãe que, ah, ela parou a carreira porque engravidou de mim, com 17 anos eu já tinha minha personalidade já, eu já sabia o que eu queria, e esse incidente aconteceu mas eu sabia que deus estava comigo, sabia que ele tinha algo de preparado de bom pra mim sabe, foi difícil na época, foi, eu com três meses grávida da Larissa eu fui competir em Paris, a gente foi a quarta ginasta melhor do mundo, eu tava grávida de três meses, quando a Elisabeth soube lá em Paris ela quase morreu, quando o comitê brasileiro soube, meu deus do céu, eles só souberam depois que eu competi, que ai acabou o campeonato e eu tive sangramento lá e ai eles ficaram sabendo e eu estava de três meses de gestação da Larissa...

Kátia: E você sabia ou não?

Alessandra: Sabia, eu a minha técnica e a minha irmã sabia, o resto ninguém sabia, só que não tinha uma ginasta no Brasil pra colocar no lugar e eu ia acabar com um treinamento de tempo, no campeonato lá em Paris, foi no ano que o Senna morreu, o ano que eu casei em 94, ai conversei com a minha técnica, e ela me poupou nos treinamentos, eu não fazia, ninguém entendia nada, porque todo mundo se ferrava e eu não, tive dois meses de alegria na vida, dois meses que eu aproveitei muito, ai ela perguntavam, e eu, não pergunta o porquê, você não tem nada a ver com isso, esses dois meses, a Biru, eu sou a paixão da vida dela, não preciso fazer, tá me poupando, então foram dois meses que eu aproveitei e acho que foi até menos de dois meses, eu tinha três meses e meio lá de gestação, eu era a atleta mais magra, deu três meses e meio e todo mundo duvidava, não é possível, olha você, quando eu ficasse de mais meses, quase tive um ataque cardíaco na hora, mas enfim, gente, já passou, já foi, já aconteceu, eu sei que deus me protegeu o tempo todo, eu tenho certeza, eu levei um chute na barriga lá, da Flavia, eu me lembro certinho que foi um movimento com a corda e ela entrou,e eu falo orelhuda, é um costume que a gente tem aqui e a orelhuda me passa no espacate e me dobra a perna e no que ela dobrou a perna, ela chutou a minha barriga na competição, ai saindo eu tive sangramento fiquei em repouso dois dias lá em Paris, nossa, foi tenso assim, mas pra mim foi tudo de bom, tudo de bom, porque eu sabia que a minha bebezinha tava, ia ficar bonitinha ali quietinha, é, o campeonato deu tudo certo, ninguém ficou frustrado, a gente saiu super bem, enfim, eles estavam em festa porque o Senna tinha morrido lá, e a gente tava lá, eu lembro perfeitamente que lá foi uma festa quando ele morreu, sinto muito, nossa, eu lembro que eu tava no rio Sena e estourava até rojão, pois é, e ai eu, é, então assim, eu carrego sequelas até hoje, eu tenho...

Kátia: Você falou de dor, como era?

Alessandra: Olha, era uma dor que nem Voltarem resolve na veia, dor muscular eu tinha 24 horas, de assim, a dor muscular que eu te falo, sem contar essa dor, imagina uma câimbra terrível, aquela dor que fica, esse tipo de dor pra lá, e você, você parece, é, os seus músculos tremem toda hora, eles ficam assim tremendo, mas é de dor, as vezes eu caia no chão assim e eu não conseguia ficar em pé, por que parecia que a minha musculatura não tinha musculatura, não tinha força de ficar em pé muitas vezes, então eu tive que tomar muito remédio pra aguentar o tranco, aguentar o sangue por isso eu te falo, eu deixei muito sangue naquele carpe, por causa disso, não bastasse o psicológico, mas tinha, e eu, eu tenho problema no nariz, sempre tive, eu nunca respirei pelo nariz era sempre pela boca, então eu perdia, é, 50-60% do rendimento que era diferente das minhas companheiras, isso tudo estudaram, nesse período panamericano e olimpíada a gente tinha acompanhamento médico, já tinha psicólogo, coitado, a gente deixava o psicólogo louco mas a gente tinha lá, ficar de blablablá com nós, tinha tudo ali, os estagiários, que a Unopar era uma faculdade, ai os estagiários iam lá e ficavam fazendo massagem na gente, mas assim, fazia um pouco de diferença, a minha comida no ciclo olímpico vinha de Curitiba, vinha pesada a minha comida, a minha e das meninas, a minha era mais rigorosa ainda, ai vinha lá cinco refeições do dia, então hoje a noite eles mandavam pra Londrina e sete e meia da manhã tava na Unopar, no café da manhã, cada uma tinha o seu, era diferente, a gente era, toda a redondeza e lá a lanchonete, era tudo proibido vender um chiclete pra gente, que alguém podia ter mandando pra gente, então a gente não podia esconder nada , então nem chiclete podia mascar...

Kátia: Nossa, é uma vida diária de presidiário...

Alessandra: É, é, eu acho que, eu sei que eu tenho as minhas amigas da época e eu sei que ela tem isso dentro dela, elas também choram, elas também lembram com uma certa tristeza algumas coisas, porque a gente passou junta, a gente sabe, por que afinal de contas, a gente era ser humano né, então muitas vezes a gente não era visto como ser humano, a gente era visto como um robô, ó, não presta, passa pra outra, não presta, passa pra outra, mas, cala boca, sai, então era “Kátia: descartável”, muito desumano, mas eu, tinha que ser, até certo ponto tinha que ser assim, só que até chegar tudo isso, isso eu to contando a parte mais linda, mais boa que teve assim, ninguém sabe do dia a dia ali, do mensal, o que foi mesmo, só a gente que passou na pele, muitas coisas nem vale a pena você ser citadas, foi muito difícil, o que eu tiro de toda essa, eu dou graças a deus por ter passado pro muitas coisas, eu cresci muito, eu tenho muita magoa, de repente tenho muito mais magoas de algumas coisas do que estar certos em conhecimentos, mas é uma coisa pessoal minha, não é generalizando o esporte em si tudo, eu acho o esporte lindo, a minha irmã é técnica hoje, ela é a melhor técnica do Brasil, a Camila, ela tem na veia isso desde novinha, alias a briga dela dentro da ginástica era comigo porque ela queria ser minha técnica também, então a gente, por a gente ter quase a mesma altura, ela é um pouco menor, então pra ficar legal o conjunto, a Barbara sempre colocava eu e ela pra fazer as trocas tudo, então era eu e minha irmã, então ela brigava comigo o tempo tendo e tinha que lançar tudo perfeito pra ela e eu era boa nisso, a sorte e não é, como o sonho de todo mundo, a minha flexibilidade, ela era, ela tinha começo e fim, não ia mais que aquilo, porém o suficiente pra tar numa olimpíada, não era hiperflexível, mas o meu manejo do aparelho, a minha percepção, olha vou falar pra você, era muito boa, muito boa, foi isso que me manteve até o fim eu saber usar isso ai, na hora que eu tinha que usar, porque se eu não podia bater com a flexibilidade, eu podia bater com o manejo, então por isso que eu falo que Deus me abençoou muito, eu tinha precisão, eu sabia exatamente, por isso eu falo pra você até hoje, se você me levar e me der uma massa na minha mão e fazer eu lançar na mão daquela menina, eu consigo fazer isso hoje, fazem 12 anos que eu não relo em nada, eu consigo fazer, por que eu consigo, eu posso errar uma, errar duas, mas quando eu vou fazer que eu consigo me concentrar, eu consigo pegar a técnica certinha, então é, isso eu tinha, como as outras também claro tinha, mas no meu caso, pessoal né, por eu ter parado e não era um hiperflexível tal, tinha dificuldade na flexibilidade e minha técnica sabia disso.

Kátia: Você falou que até hoje você sonha com isso, quer dizer, a gente sabe que uma das coisas, talvez, tão difícil quanto ir aos jogos olímpicos é fazer a transição de carreira depois. Como é que você fez essa tua transição em você, como é que você cuidou disso em você, quando você voltou dos jogos olímpicos, você sabia que ali tinha acabado, ou não?

Alessandra: É muito difícil. Sabia, sabia por que foi um trato que o meu marido fez comigo, ele falou assim, olha, você só vai até a olimpíada e quando você voltar da olimpíada, ou você escolhe a tua família ou você escolhe o esporte, e ai eu tive que escolher, eu falei não, quando eu voltar, é, você vai ter resposta e você vai saber o que eu vou escolher e ai eu voltei, fechei o contrato em dezembro com a Unopar e ai houve proposta pra continuar de mais um ciclo tudo, e ai eu tive que, eu simplesmente falei, eu não vou continuar a partir de hoje, pretendo nunca mais pisar nesse ginásio e ali eu fui embora, e a Barbara tentou, conversou, mas era uma coisa que já tava decidida, a minha vontade era continuar, aqui dentro de mim né, continuar e tentar mais um ciclo olímpico de repente daria certo, de repente não daria certo, mas aquele ano em seguida, aquele ano em seguida continuar, mas ai parei, cumpri, aquela coisa determinada, eu dei a minha palavra e ali eu fui cumprir, olha foi muito difícil, meu psicológico ficou bem abalado, ai como eu tinha um ritmo de vida, nove horas por dia e faculdade a noite eu não consegui ficar sem fazer, eu não conseguia ficar um minuto parada, então o que eu fiz, assumi dois colégios, duas faculdades, fiz, comecei pós, tudo junto, quando eu percebi, era como se eu tivesse treinando, a mesma coisa só que de uma forma diferente,

Kátia: Podendo comer...

Alessandra: Olha, eu fiquei um bom tempo sem comer assim, eu tive muito problema depois de saúde tal, e depois que eu comecei aceitar a comida, assim sabe...

Kátia: Você desenvolveu algum tipo de distúrbio alimentar?

Alessandra: Olha, eu fiquei muito tempo sem poder comer muita coisa, meu estomago não aceita muita coisa, arroz, feijão, coisas pesadas, assim, não aceitava, eu vomitava e eu passava mal né, fiquei um tempo assim, até, porque era muitos anos, o meu estomago não sabia mais o que era essas coisas, gordura dava diarreia, vômito, depois assim com o passar do ano, foi melhorando e tal, e melhorou bem menina do céu, porque hoje eu como tudo, hoje eu não faço isso, ai não quero isso, não quero aquilo “Kátia: sem restrição”, ai nossa, não aguento mais comer chocolate, bolacha Bono, é, eu lembro que o, que aquela barra de chocolate, é, com amendoim da Laka, que é amarela escrito em vermelho, como é o nome daquele negócio, a barra de chocolate, a Daiane era a única que sempre foi muito magra, a Dai, e todo treino ela levava uma barra daquela, eu falava assim, por deus que está no céu, vou fazer você engolir essa barra, nunca mais você me mostra, Alê, pega só um pedacinho, dá uma mordida, não eu não posso, eu não posso dar uma mordida, não posso pesar 100 gramas a mais, não posso, não posso, não posso, e eu lembro que eu falava assim, e bolacha Bono de chocolate que ela levava, porque ela podia, ela era magrinha, ela podia né, ai eu falava por deus que está no céu, se tem três coisas que eu vou comer muito depois eu terminar é Mc Donald’s, bolacha Bono e chocolate, pergunta, demorei anos, tempo pra comer isso ai, não aceitava, não aceitava, então assim, eu demorei um pouco pra essas coisas assim, pra aceitar algumas coisas, é, a minha, a sua pergunta, foi a coisa mais difícil eu não me aceitava, eu não aceitava a vida que eu tava levando, então quanto mais isso, mais coisas eu pegava mais coordenação, eu abri curso em cidades ai, eu dei curso, eu dei aula passava de 300 alunos assim piscando na minha mão, eu virei, eu rendia muito mais ainda, porque eu não queria parar e pensar, meu deus, eu não posso fazer ginástica, porque eu sabia que se eu parasse, eu entrava em pânico e faltava assim, um fio de cabelo pra que isso acontecesse, ai minha irmã continuou como ajudando lá e eu não, ela tava lá e eu não, e isso, cortar esse cordão umbilical foi muito difícil, eu não aceitava, então eu fiquei anos, mais de cinco anos, sem assim, ligara televisão, não assistia, não ouvia, eu nãos sabia da minha irmã, eu não sabia se ela tava ganhando ou não ganhando, pedi, simplesmente, olha, me poupe de tudo isso, porque eu tinha medo de acontecer alguma coisa, demorou muito, eu acho que eu demorei uns 7, 8 anos pra aceitar, demorei muito assim, muito, muito, muito, hoje eu vejo de uma forma totalmente diferente, mas até hoje eu sonho, as vezes eu tenho pesadelo que eu to competindo, que eu to na quadra e eu sinto as mesmas emoções...

Kátia: Você fez terapia?

Alessandra: Não, nunca fiz, nunca fiz terapia, na época tinha um psicólogo lá que coitado, Fernando um bom profissional mas que a gente cava fazendo ele de bobo, não dá, porque o tratamento é longo de um psicólogo e lá a gente não tinha tempo pra isso, a gente queria dormir, tinha uma hora de almoço por dia só e ai tinha que ficar lá, pensa não sei o que, dormia, até que ele encheu o saco e parou, ninguém aguentava ficar com a gente, a gente fazia de bobo, não aguentava, ficava rindo, só sabia rir né, a gente colocava tudo pra fora rindo, mas assim, eu agradeço muito hoje a deus por eu ter tido essa oportunidade, porque sem ele eu não teria conseguido nada, não teria conseguido ser o que eu fui, no ano de 2000 eu ganhei como atleta do século o troféu, foi eu a escolhida, é, dizem não bateram a minha marca ainda, mas eu tenho isso como um fechamento da minha carreira dentro do esporte, eu fiquei muito feliz quando eu ganhei esse troféu foi no ano de 2000 lá no Rio de Janeiro, porque foi o fechamento, uma consagração de tudo o que eu sofri, de tudo o que eu deixei de viver, é, eu deixei de viver, eu não perdi, eu deixei de viver algumas coisas, é, existe sequelas mas que são compensadas de uma outra forma, é, hoje eu falo muito pra minha irmã, eu sou muito família, sempre fui muito família, então eu sempre dei muito valor ao sentimento, ao amor, ao carinho, ao próximo, eu sempre tive, assim, querendo família sempre junta, sempre perto, é, a gente, eu e minha irmã, a gente é um pouco diferente nisso, minha irmã é mais racional, ela tem na veia isso, admiro demais, falo pra ela que ela não sofre por qualquer coisa eu falo, ela não solta lagrima por qualquer coisa, eu já sou completamente diferente, então assim, é, eu desejo assim, pra minha irmã tudo de bom na ginástica, tudo de bom assim, ela tem muito pra oferecer, muito o que levar o Brasil lá em cima nessa próxima olimpíada que vai ser aqui no país, eu tenho certeza do sucesso, vai ser muito difícil, mas é uma coisa pra mim que eu não queria nem de graça, nem de graça, é uma coisa que eu, se chegasse pra mim, você é a melhor, você, eu não aceitaria, não faria mais nada, o que eu tinha que fazer, eu já fiz lá atrás, então eu tenho isso dentro de mim e enfim, acho tudo lindo, tudo maravilhoso, mas bem longe de mim, bem longe, eu não tenho vontade nenhuma, a minha filha pra não dizer, a minha filha fez um pouquinho porque ela teve vontade e não porque eu incentivei, dei treinei pra ela, ela fez até, ela seria uma excelente ginasta inclusive, ela chegou a um ponto de estar indo pra seleção com a minha irmã e nesse momento eu falei assim pra ela, olha você vai ter que escolher agora, ou você vai treinar com a seleção lá com a “tatá” e vai ser uma grande ginasta, você vai ser uma ginasta muito melhor que a tua mãe foi, você vai ser muito melhor que eu, ou você escolhe os caminhos, os caminhos de deus né, porque as competições são sexta, sábado e domingo, a gente não trabalha sábado, então no por do sol a gente encerra as atividades e é assim desde sempre, então filha, você tem que escolher, minha irmã queria muito que ela continuasse, que ela transformar minha filha numa excelente ginasta e ai eu deixei pra ela escolher, ai vocês escolhe, se vocês quer escolher ginástica, você vai ter ai uma mãe ginasta que vai te fazer tudo, vai te apoiar, vai fazer tudo, mas se você escolher o caminho do senhor, você vai ter a vida eterna, então a escolha é tua, eu vou te ajudar tanto aqui como aqui e deixei pra ela escolher com 12 anosa de idade, lembro até hoje, daí ela pensou final de semana e de noite falei, olha tem que escolher, porque a tatá tá fazendo a equipe vamo lá, ai ela falou não mãe, prefiro a vida eterna, prefiro ficar, escolher Jesus, não quero mais treinar, a partir daquele dia, ela nunca mais, guardou tudo de ginástica, assim, acabou e ai eu falei, ai graças a deus, eu tinha certeza que ele tava comigo, ele sabe do começo, meio e fim né, e ai eu, ai graças a deus Larissa, falei se você não se arrepender, falei isso mais pra frente porque vai que se arrependesse e depois queria voltar né, pois ela nunca mais tocou no assunto, ai um dia ela falou mãe, não que ver você sofrer, eu sei que você sofreu muito, eu me lembro que você chorava muito e eu falava, eu chorava porque era necessário e mas eu não queria isso pra você, eu falei eu sei, por isso eu escolhi Jesus, porque eu tenho certeza que com ele, você ia ser mais feliz, eu falei é, você escolheu o caminho certo, você escolheu, não fui em que escolhi, ai depois a gente se batizou, eu me batizei, eu não era, eu seguia a igreja, seguia todos os patamares, mas não era batizada, ai me batizei, ela se batizou, meu filho se batizou também né, o Evandro e ai a gente seguiu depois disso uma vida totalmente diferente do que eu tinha antes, totalmente diferente, hoje a gente sabe que a vida eterna é o que mais vale né, não é uma olimpíada, não é uma medalha, sucesso, dinheiro, nada disso importa pra gente, o que importa é ter, a gente tá feliz, e tá em família, que é o que eu preservo muito a família, e isso vou levar até o resto da vida, se deus quiser, então assim, eu não digo que eu não faria tudo de novo e não digo que faria, eu simplesmente falo que foi bom enquanto durou, demorei anos pra absorver, talvez hoje eu nem tenha absorvido tudo, porque assim, sempre eu conto a historia, eu ainda me lembro e eu sofro o momento ainda, mas é uma coisa minha, é aquele cois que você fala assim, que só sabe quem passou na pele, então eu sei o que eu passei, eu sei das noites que eu passei em claro, eu sei do sangue que eu deixei naquele carpe, eu sei de tudo o que eu abri mão, não envolveu só a minha vida como foi a delas, delas envolveu só a vida delas, a minha não, envolveu a minha, a do meu marido, a do meu filho, da minha filha, sabe, do meu pai, da minha mãe, da minha sogra, do meu sogro, eles tiveram que viver comigo esses quatro, cinco anos de sofrimento pra que eu pudesse chegar até lá, então envolveu mais gente e hoje, que nem eu falo pra minha irmã, falei Cá, será que tudo isso vale a pena, família tal, mas eu vejo o lado dela, que é um lado brilhante que ela tem que desfrutar e ela é uma excelente técnica, ela tem no sangue mesmo isso, é, ela vai ter um sucesso muito grande ai com essa nova equipe se deu quiser, que seja recompensada por tudo, porque pra ela também não é fácil sair daqui, mudar e morar em Aracaju, sai de perto da família, do filho, o filho tá aqui, ela fica longe, isso é uma coisa que eu sinto muito sabe, do filho dela tá aqui e ela tá lá, mas cada um cada um né, cada um tem um objetivo, cada um sabe onde quer chegar, hoje eu trabalho com uma coisa totalmente diferente, hoje eu trabalho com a beleza do mulher, hoje eu trabalho com a Mary Kay, não sei já ouviram falar, eu sou diretora executiva da empresa to prestar a chegar no patamar, tipo assim, que nem uma olimpíada de ginástica rítmica, eu to com o pé lá, eu to no panamericano agora, eu to na empresa, é onde a gente ganha o troféu do atleta do século que eu ganhei, eu acabei de voltar e ganhei a minha joia da, de diretora de sucesso, tenho carro dor de rosa, então tudo o que eu aprendi lá com a ginástica, é liderança, determinação, é, eu aprendi com a Mary Kay, faz cinco anos que ueu to na Mary Kay, eu larguei tudo, mestrado, tudo essas papeladas, tudo essas coisaradas, nossa, larguei faculdade, larguei tudo pra fazer só Mary Kay, eu faço só Mary Kay hoje e eu posso dizer que eu sou a pessoa mais feliz do mundo trabalhando com isso, porque é, não financeiramente falando, mas hoje, eu ajudo mulheres a mudar de vida, eu vejo mudanças de vida, eu vejo a mulher, a pessoa sair de depressão profunda e hoje ser uma pessoa tranquila, normal, é, feliz com a vida, eu transformo a vida delas, então ver isso, é muito gratificante pra mim sabe, então eu tenho transformado a vida de muitas meninas, muitas mulheres, mulheres assim que você vê um dia e depois de dois meses, ela é uma outra pessoa, uma outra mulher, então, a filosofia dessa empresa que eu trabalho, da Mary Kay é Deus primeiro, família em segundo e terceiro o trabalho, então eu trabalho na minha casa, foi que me encantou dessa empresa, por isso que eu larguei tudo, então eu consegui tudo o que eu aprendi, toda essa determinação, toda essa garra, todo, sabe, esse foco, trazendo tudo light, tudo tranquilo, psicologicamente falando perfeito, nessa empresa maravilhosa, então hoje eu dou graças a deus de estar onde eu estou, feliz, tranquila, calma, sem sofrer por tudo o que eu sofri e esqueço um pouco, então assim, quando eu decidi que a GR seria um marco que eu colocaria no fundo do baú na minha vida, eu peguei tudo que era de ginástica, eu só tenho o troféu de atleta do século porque tá aqui, esse não tem como esconder, guardar porque ele é muito pesado, é grande pesado e tá aqui, o resto eu coloquei tudo numa caixa, minhas trezentas medalhas tudo, enfiei tudo numa caixa lá e lacrei e tá na casa da minha mãe e quando, eu espero nunca mais abrir isso ai, então já faz alguns anos que eu fiz isso, então a minha vida, meu ciclo olímpico, a ginasta que eu fui, a atleta do século, a isso e aquilo, tá tudo dentro da caixa no fundo do baú lá na dispensa na casa da minha mãe, tá tudo lá, eu fiz isso pra mim foi muito bom me livrara de tudo isso ai, e eu tá desenvolvendo uma carreira totalmente diferente, crescendo muito, totalmente diferente, e o melhor de tudo, mudando vidas, enriquecendo a vida das mulheres, esse é meu trabalho hoje e eu faço isso de todo o meu coração , acho que é isso, o que eu posso falar, acho que é isso, se vocês tiverem perguntas...

Kátia: Não, não mesmo,

Alessandra: Existe um milhão de coisas, eu poderia ficar aqui um mês e você não teria todo o meu depoimento, se eu fosse minunciar ele todinho, mas uma mensagem que eu deixo, é, que quando você quer você consegue, então eu tenho sempre isso dentro de mim, se eu quero, eu posso, eu vou conseguir, se fulano consegue, se ciclano consegue, ele consegue, porque que eu não vou conseguir, então sabe, então assim, eu espero assim, em relação a isso é a ultima vez que eu choro, espero nunca mais chorar, falar sobre isso nunca mais, mas é que é uma coisa que eu, faz sete, oito anos que eu não falava sobre mais, faz muito tempo que eu não falo sobre isso

Kátia: Eu só tenho a te agradecer por você ter nos recebido, sabendo que nós tocaríamos nesse, nessa tua determinação em não falar, eu me sinto duplamente, triplamente agradecida por você ter nos recebido

Alessandra: É uma ferida na verdade. Não, magina, eu se eu puder ter contribuído, já vai ser bom é, eu não iria marcar realmente, a sua sorte foi que você falou que a minha irmã deu meu telefone pra você, senão eu, eu evitei esses anos todos, não seria com vocês que eu iria abrir mão, mas foi em respeito a minha irmã eu abri, pensei, pensei, eu tenho o telefone dele tá aqui, pensei em ligar e falar olha, não vai dar, mexer em uma coisa que tá quieta tal, mas de repente pode ajudar alguém,

Kátia: Certamente, obrigada Alessandra, obrigada mesmo.

Alessandra: Espero que tenha ajudado.

Kátia: Muito mesmo.

Alessandra: Eu que agradeço.

Kátia: Você sabe...